

# 1

## Introdução

A tese trata da teoria das descrições definidas de Bertrand Russell. Mais precisamente, ela trata de dois debates gerados pela teoria de Russell. O primeiro se dá entre russellianos e teóricos da ambiguidade (ou donnellianos). Partindo de certa reconstrução das ideias de Keith Donnellan, teóricos da ambiguidade afirmam que descrições definidas (singulares) possuem um significado referencial, distinto do significado quantificacional de Russell. Para eles, a distinção apontada por Donnellan entre usos referenciais e usos atributivos de descrições definidas é “semanticamente relevante”. Russellianos afirmam que descrições definidas possuem apenas um significado quantificacional e que a distinção referencial-atributivo é meramente pragmática.

O segundo debate, mais recente, dá-se entre russellianos “tradicionais” (ou inflacionistas) e russellianos “deflacionistas”. Russellianos tradicionais defendem que descrições definidas codificam unicidade. Para eles, a implicação de unicidade associada a descrições definidas é semântica e, portanto, faz parte de sua contribuição proposicional. Deflacionistas defendem que descrições definidas não codificam unicidade. Para eles, as condições de verdade de uma frase da forma “o F é G” são dadas simplesmente por “ $(\exists x) (Fx \ \& \ Gx)$ ”. Assim, de um ponto de vista deflacionista, a implicação de unicidade associada a descrições definidas também é pragmática e não faz parte de sua contribuição proposicional.

A tese tem dois objetivos principais. O primeiro objetivo é defender uma concepção unitária e quantificacional de descrições definidas das objeções levantadas pelos teóricos da ambiguidade. O segundo é defender uma versão deflacionista da teoria de Russell frente à concepção tradicional (e, também, frente a duas outras versões da teoria deflacionista). Portanto, a tese é, ao mesmo tempo, uma defesa e uma crítica da teoria de Russell.

A teoria das descrições de Russell é vista na tese como uma contribuição à filosofia da linguagem (e não como uma contribuição à lógica). Essa observação é importante. Desde o início, devemos notar que, embora façamos uso da linguagem

da lógica de predicados, nada na teoria de Russell (ou na teoria deflacionista) depende disso. Se quiséssemos, poderíamos seguir Neale (1990) e Ludlow (2011), por exemplo, e representar frases da forma “um F é G” e “o F é G” como “[um x: Fx] (Gx)” e “[o x: Fx] (Gx)”, respectivamente. A grande vantagem da linguagem da lógica de predicados é sua familiaridade. Potencialmente, qualquer leitor com formação em filosofia é capaz de compreendê-la.

A tese está dividida em três partes. Na primeira, várias ideias fundamentais são apresentadas. A distinção entre expressões referenciais (nomes próprios e demonstrativos) e entre expressões de generalidade (predicados e quantificadores) prepara a apresentação da teoria de Russell. Considerando essa distinção, a teoria de Russell sustenta que descrições definidas não são (apesar das aparências) expressões referenciais, mas expressões de generalidade. Mais precisamente, para Russell, descrições definidas devem ser analisadas em termos quantificacionais. O proferimento de uma frase da forma “o F é G” expressa a mesma proposição que o proferimento de “há exatamente um F e ele é G” expressaria (num mesmo contexto). Evidências em favor da teoria viriam do fato de que ela é capaz de resolver certos “puzzles” lógicos, os quais também serão apresentados.

Mais de 60 anos depois, Donnellan aponta um fato que a teoria de Russell não seria (supostamente) capaz de explicar, a saber: que descrições definidas podem ser usadas não apenas para denotar certos objetos, mas também para se referir a eles. A diferença entre referência e denotação será melhor explicada ao longo da tese. Segundo Donnellan, quando um falante tem em mente um certo objeto, ele pode usar uma descrição “o F” para se referir ao objeto em questão mesmo que o objeto não seja F. Por exemplo, a frase “O cachorro está destruindo o jardim!” pode ser verdadeira, segundo essa teoria, mesmo que o animal não seja um cachorro; mas, digamos, um lobo-guará. Isso, afirma Donnellan, vai ao encontro da tese que descrições definidas às vezes funcionam como “genuínas expressões referenciais”.

Ainda no primeiro capítulo, apresentamos a teoria das implicaturas conversacionais de Grice. Embora não seja uma teoria sobre descrições definidas, ela desempenha um papel central na tese. Numa palavra, a teoria de Grice explica como falantes são capazes de transmitir (e ouvintes capazes de identificar) mais

informação do que aquela que é (literalmente) expressa por um ou mais proferimentos. Para Grice, falantes e ouvintes são capazes de fazer isso porque eles presumem que uma conversa envolve cooperação e racionalidade de ambas as partes. Por fim, examinamos duas aplicações da teoria de Grice à relação entre os símbolos lógicos (“&” e “v”) e suas contrapartes portuguesas (“e” e “ou”). Essas aplicações fazem uso do que Grice chama de “Navalha de Occam Modificada”. Estas aplicações motivam muitas das ideias da tese.

Para Kripke, a distinção de Donnellan não refuta uma concepção unitária da teoria de Russell. Usando as ideias de Grice, ele argumenta que a distinção entre usos referenciais e atributivos é apenas um caso particular da distinção entre referência do falante e referência semântica. Colocado de outra forma, a distinção referencial-atributivo seria apenas um caso da distinção entre aquilo que o falante disse (*said*) e aquilo que ele quis dizer (*meant*). Além disso, Kripke argumenta que considerações metodológicas (como, por exemplo, simplicidade e generalidade) favorecem a teoria de Russell.

Na segunda parte, os principais argumentos em favor da relevância semântica do uso referencial de descrições definidas são examinados. Eles se dividem em três grupos: argumentos baseados na existência de descrições incompletas, argumentos baseados na semelhança entre o uso referencial de descrições e o uso de expressões demonstrativas e argumentos baseados na regularidade do uso referencial. Por fim, cada um deles é rejeitado. Argumentos baseados em descrições incompletas admitem duas respostas diferentes: respostas explícitas e respostas implícitas. Argumentar-se-á que respostas implícitas são preferíveis às explícitas. Argumentos baseados na semelhança com indexicais recebem um tratamento diferente. Aqui, a estratégia é mostrar que as semelhanças apontadas pelos teóricos da ambiguidade são superficiais e que há várias e importantes dissimilaridades entre o uso referencial de descrições e o uso de expressões demonstrativas. No caso do argumento da regularidade, a ideia geral é sustentar que regularidade não implica que esses usos são convencionais e também que há regularidades meramente pragmáticas.

Na terceira parte, argumentamos que basicamente as mesmas considerações usadas para rejeitar a tese da relevância semântica do uso referencial devem ser

estendidas à implicação de unicidade de descrições definidas, resultando na teoria deflacionista. Em seguida, argumentamos que usos de descrições definidas que não implicam unicidade são comuns e fazemos uma defesa da concepção deflacionista (para isso, veremos o argumento da simplicidade, o argumento das expressões possessivas e o argumento da simetria). Examinamos as duas teorias deflacionistas disponíveis na literatura e apresentamos uma terceira teoria, mais simples e mais geral que as outras duas (também mais griciana que elas). Por fim, algumas objeções à teoria deflacionista são examinadas, mas rejeitadas.

Ao longo da tese, a distinção entre a dimensão semântica da linguagem e sua dimensão pragmática é amplamente explorada. É importante notar que a distinção subjacente à tese inspira-se nas ideias de Grice, principalmente naquelas assumidas em “Logic and Conversation” (1975/1991) e em “Further Notes on Logic and Conversation” (1978/1991). De toda forma, vale esclarecer alguns pontos desde já. Na tese, o verbo “expressar” é sempre usado para se referir à dimensão semântica da linguagem e o verbo “comunicar”, para se referir à sua dimensão pragmática. Assim, quando escrevemos “x expressou tal proposição” estamos nos referindo àquilo que x (literalmente) disse e quando escrevemos “x comunicou tal proposição” estamos nos referindo aquilo que x (provavelmente) não disse, mas foi capaz de transmitir mesmo assim. Por exemplo, quando y pergunta a x se ele pode lhe emprestar algum dinheiro e x responde: “Esqueci minha carteira em casa”, x terá expressado a proposição “que x esqueceu sua carteira em casa”, mas terá apenas comunicado a proposição “que ele, x, não pode (ou não quer) emprestar dinheiro a y”. Além disso, a expressão “contribuição proposicional de uma expressão” é sempre usada para se referir a sua contribuição semântica (em relação a um proferimento) e não para se referir a sua contribuição conversacional.

A tese não deve ser vista como um trabalho exaustivo. Ela não argumenta que a teoria deflacionista é preferível a todas as outras teorias das descrições disponíveis. Ela argumenta apenas que a teoria deflacionista é preferível às teorias de Donnellan e de Russell. Dessa forma, ela deixa de lado várias outras teorias das descrições (p. ex., as teorias de Frege e de Strawson). Isso não quer dizer que essas teorias não mereçam uma discussão detalhada. Pelo contrário, elas foram deixadas de lado exatamente porque elas merecem um exame minucioso. Para

nós, é melhor não escrever sobre uma teoria do que escrever superficialmente sobre ela.

Outro ponto importante é o seguinte: Quando afirmamos que descrições definidas não são expressões referenciais, queremos dizer que elas não são referenciais *no sentido sugerido pelos exemplos de Donnellan* (1966/1991, 1968). Sem dúvida, há várias outras maneiras de se entender a noção de referência (singular) e a maneira de Donnellan é apenas uma delas. Portanto, não se trata de rejeitar a ideia de que descrições definidas são expressões referenciais “tout court”, mas apenas que elas não são referenciais *sob uma certa ótica*.

Por fim, haverá na tese várias referências à noção de proposição. Mas o que estamos chamando de proposição? Para nós, proposições são entidades abstratas que representam (correta ou incorretamente) o mundo ou parte dele (Jubien, 1998). Além disso, trataremos proposições como se elas fossem estruturadas, isto é, como se elas possuíssem partes ou constituintes. A ideia inspira-se em Russell (1903/2003, pp. 66-67):

Whatever may be an object of thought, or may occur in any true or false proposition . . . I call a term [i.e., um constituinte de uma proposição] . . . . A man, a moment, a number, a class, a relation, a chimaera, or anything else that can be mentioned, is sure to be a term; and to deny that such and such a thing is a term must always be false.

Ainda em 1919/1998, a ideia reaparece nos escritos de Russell. Dessa vez, claramente relacionada com a sua teoria das descrições de Russell:

What do I really assert when I assert ‘I met a man’? . . . . It is clear that what I assert is not ‘I met Jones.’ . . . . But we may go further: not only Jones, but no actual man, enters into my statement. (pp. 67-68)

Mais especificamente, trataremos proposições como se fossem entidades estruturadas no sentido de Russell (Frege também afirmava que proposições eram entidades estruturadas, embora ele defendesse que seus constituintes fossem sentidos). Por que razão faremos isso? Primeiro, porque essa forma de tratar proposições torna mais fácil entender o contraste que estamos investigando (para os russellianos, uma frase da forma “o F é G” expressa uma proposição geral que não contém o objeto ao qual o falante quer se referir; para os donnellianos, uma frase dessa forma pode expressar uma proposição singular que, por sua vez, pode conter esse objeto). Segundo, porque vários dos autores que abordamos (p. ex.,

Kaplan (1975/1997); King (2001); Salmon (1982); Soames (1986/1998)) também assumem essa teoria. Logo, pareceu-nos natural assumir o mesmo. Entretanto, é importante notar que, em princípio, a teoria das descrições de Russell não depende dessa teoria proposicional.

Por fim, vale notar que esta tese continua o trabalho que desenvolvi no mestrado sob a orientação do prof. Nelson G. Gomes (Coura, 2007). Por causa disso, algumas partes da tese foram adaptadas desse trabalho (principalmente, no primeiro capítulo).